

Campinas não foi fundada em 1774 - (XL)

Antes de mais nada, uma explicação: após a última crônica, por fé de ofício, consultei certos dicionários, dentre eles o recente chamado Aurélio. Ao tomar conhecimento da explicação que dá aos verbetes cura (Vigário de aldeia ou povoação) e curato ("Povoação pastoreada por um cura") abespinhei-me na preocupação de não ser bem compreendido na passagem que falo de a igreja da Conceição perder a categoria de freguesia (matriz), por ter passado a curato, ficando matriz a da Santa Cruz. Passou a curato sim, mas sem perder sua qualidade de matriz, porquanto a Santa Cruz era paróquia, na sua criação e bem anos depois (quer dizer de 1870 em diante), com vigário encomendado, não colado, vale dizer, sufragânea da outra, mesmo em paróquias separadas. Depois de colado o vigário, feita a divisão territorial, (não importa que esta tenha sido antes), estabelecida a cônica, aí sim, estariam divididas as paróquias. Antes, não. Mais uma razão para que a igreja da Conceição não saísse de sua igreja, mesmo no interesse de um templo mais moderno (Catedral). O que importava, de fato, obedecidos a constituição do bispado, os preceitos canônicos etc., era que a Santa Cruz se instalasse em qualquer outra igreja, nunca na matriz velha e nem ficasse com o território antigo, a menos que, no interesse do vigário colado e com as devidas autorizações canônicas, fosse do interesse maior da Conceição. A história nesse episódio está muito contraditória, exigindo melhor campeão para destrinchá-la. Valha, contudo, minha ressalva, para que não se entenda esteja eu conceituando o moderno curato dentro daquelas explicações ingênuas dos dicionaristas. O curato, nas reformas canônicas, é um grau maior de matriz, com quase todos os sacramentos... A Conceição passou a curato, sim, mas não deixou de ser a matriz de Campinas. Bem, isto é assunto de épocas mais recentes, que terão de esperar. Prossigamos nossa jornada, ainda nos idos do sec. XVIII.

Infelizmente para os modernos pesquisadores, Mello Pupo não foi adiante na sua arguta observação relativa a uma expressão contida na famigerada Breve Notícia, donde se tira a idéia de que os moradores prometerem fazer a igreja etc., mas "nisto ficaram", quer dizer não passaram da promessa.

Várias são as possíveis explicações para isso: — ou havia mais intenção que posses, ou havia dissensão mais que acordo, ou, ainda, ninguém tinha terra com título legítimo, que pudesse doar

— (explique-se, novamente: para obter sesmaria — ainda que fosse Barreto Leme — tinha de ter confirmação; — e, para se adquirir terra, não podia fazê-lo de posseiros e sim de sesmeiros (este termo é impróprio, e culpam-se aos intérpretes a semântica arrevezada, pois as leis da coroa sempre o aplicaram no sentido certo, como demonstrei, na fase das sesmarias), ou, então de seus herdeiros legítimos. Não consta que houve algo assim em Campinas nesses prévios tempos — se confirmação houve, esta se mantém muito bem escondida, e aqui se inclui Barreto Leme. Posteriormente, em crescendo os pedidos — efeitos de vida da recuperação da capitania —, mas, ainda assim, não se tem notícia de confirmações — e estas nunca deixaram de ser obrigatórias.

Como eu dizia, foi uma pena, — ou melhor é ainda uma pena, pois Mello Pupo pode prosseguir e complementar aquela idéia, que, no meu ver, é bem "sucosa". Talvez encontrássemos uma explicação por que se desistiu da igreja, ficando-se tão só no empenho de uma capela. Uma capelinha, para o que não se exigia muita coisa, a começar do terreno, já que seria na paragem, à beira da estrada, praticamente em área ceinol, tão livre como as apossadas sem compromissos pelos moradores (e não valia no Brasil de então a cláusula do "imemorial"). E depois, sendo provisória, estava sempre em condições de pôr-se abaixo a qualquer tempo, praticamente sem prejuízo nem demanda. Há, contudo, um detalhe — na última petição, os moradores (ao contrário das vezes anteriores) não disseram onde pretendiam levantar "uma ermida mais à ligeira". Como ainda veremos, teria de ser numa área que interessasse ao senhor Morgado, por óbvias razões. Chegaremos lá.

Se ficaram só na intenção — e disso não passaram, como bem aventa Mello Pupo, — é de crer-se que a capelinha foi levantada somente onde podia sê-lo — na paragem, ao longo da estrada. Uma paragem, uma estrada, onde o sacerdote pudesse — como pôde — esmolar, próximo à sua igreja, sem prejuízo de seus ofícios. Agora a pergunta: a estrada de Goiás passava pela área onde hoje está a praça Bento Quirino? Afinal, onde se levantou essa capelinha? Sabê-lo é muito importante: tendo em conta a observação de Mello Pupo de que até o momento de surgir, na vida de Campinas, o senhor Morgado, da promessa da matriz não passaram os moradores, está fora de dúvida que a capelinha será o pião indicador donde irradiou todo aquele aparato do governador para se instalar uma povoação. — Sem dúvida ao Morgado importava um templo, para os seus desígnios.

A igreja, que seria na paragem, não saíra do chão até a chegada do bispo diocesano (entrada em cena, também, do Morgado):

"E" aceitável que os requerentes afirmassem ter dado "princípio às taipas" no desejo de bem impressionar o prelado; pelo que diz Frei Antonio, feita a demarcação, "nisto ficaram", nada se

tendo construído até a chegada do novo bispo..." (Mello Pupo, ob. cit. pag. 50).

Se não se erguia a igreja, erguendo-se a ermida mais à ligeira, seria esta nas proximidades daquela? Neste caso, então era na paragem, afirmada nos documentos. A paragem era ali na celebre praça dos nossos dias? — uma paragem ao longo da estrada de Goiás?

Contudo, diga-se desde logo que essa história de estrada de Goiás, em 1774, é mais uma "licença poética" que a realidade dos fatos. Praticamente, não havia mais a celebrada estrada de Goiás — o ouro já era lenda, e as vias de comunicação, por interesses de Estado, já se haviam aberto, por cima, entre Goiás e Mato Grosso e as capitâneas do norte, ligando Pernambuco e Baía com as minas, por rios e por terra. Sobre essa questão de interesses de Estado ou terei ocasião mais propícia para mais detalhes, tratando do "osso" que era a capitania de S. Paulo para o "prato sortido" de D. João V e, por força das circunstâncias, seus sucessores, com Pombal de permeio.

E as operações do Morgado, para o Iguatemi, Sacramento e outras fronteiriças preocupações, faziam-se por diversas estradas, como sabemos, além de também por mar. Os viandantes que frei Antonio sensibilizava seriam tropeiros a levar muare para venda, assim mesmo sem lá grande empenho, já que, nas minas, de longa data se criavam alimárias, sob o protesto manhoso do Morgado junto ao vice-rei, e à coroa, sem que fosse bem sucedido. Ou, então, transportadores de carga do sertão — pouca coisa — e para o sertão, isto sim, em maior volume, já que levavam, pelo menos, escravo e sal. De qualquer forma, uma estrada oem mais minguada que a outra, mais velha e mais famosa, para as Gerais, ligando tres capitâneas, diretamente: Minas, Rio, S. Paulo. Pelos resultados, do sacrifício de vários anos, é de se concluir que a esmola era pouca. Esmola, e donativos de abnegados moradores, porque de outra parte nunca se soube tivesse vindo coisa alguma. E já não se tratava mais de condicionar ao pagamento do dízimo à Ordem de Cristo — porque só se obrigava a isto quem recebesse sesmaria. Inúmeras eram as "fintas" que se podiam fazer e se vinham fazendo, além das recolhas dos estancos, de portagem no Atibáia e no Jaguari, de sal e de cargos públicos (isto também se pagava, pois não!). Assim, a coroa, pelo padroado real, obrigava-se a assistir aos fiéis no pasto espiritual, embora só se comprometesse à cônica após a ereção de uma igreja e colação do pároco. Até então, alguma coisa podia ajudar, como de fato pretendeu o Morgado, como veremos, sem que, contudo, tivesse efetivado coisa alguma, desmerecendo, portanto, no caso de Campinas, qualquer vela em seu louvor. Ainda falarei a respeito, bastando, por ora, lembrar que Campinas não estava no caminho da "sua Iguatemi" e nem era povoação fronteiriça que justificasse o empenho da coroa. Seria, quando muito, um celeiro de possíveis conscritos.